

O hate rock e os neofascismos em meio à atual crise política brasileira: o caso da “dezembrada” (2015)

Hate rock and neofascismos in the current Brazilian political crisis: the case of the “dezembrada” (2015)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA*
Universidade Estadual de Maringá – Brasil
pedro@getempo.org

RESUMO

O congresso de fundação da Frente Nacionalista, em Curitiba, no Paraná, que deveria ser realizado em dezembro de 2015, sinalizava para uma organização de movimentos neofascistas que, em meio à atual crise política brasileira, almejam surgir como alternativa à direita e à esquerda. O evento contaria com a participação de oito bandas de *Hate Rock*, gênero musical neofascista usado para difundir suas ideias e funcionar como campo de reconstrução histórica. Dessa forma, a música é usada para angariar novos militantes e expressar a reelaboração de discursos fascistas com vistas a contemplar o presente. Esse esforço, humano e coletivo, está presente nas músicas e nos esclarece como os neofascismos se comportam politicamente no Brasil. É sobre essas músicas e esses processos que nos debruçaremos nesse artigo.

Palavras-chave: Neofascismos; Hate Rock; Frente Nacionalista, Crise política.

ABSTRACT

The founding congress of the Frente Nacionalista, in Curitiba, Paraná, which would be held in December 2015, stood for the organization of neo-fascist movements as an alternative to the right and left wings amid the current political crisis in Brazil. The event would feature eight Hate Rock bands, a music genre that spreads neo-fascist ideas and proposes a historical reconstruction. Therefore, music is used to recruit new members and express the adaptation of fascist speeches in order to address contemporary issues. This both human and collective effort is present in the music and helps to explain how neo-fascisms behave politically in Brazil. This paper aims at understanding these songs and the development of these neo-fascist processes.

Keywords: Neo-fascism; Hate Rock; Frente Nacionalista; political crisis.

Recibido: 18/03/2017 Aceptado: 23/09/2017

* Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (Paraná-Brasil), e graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (Sergipe-Brasil). Colaborador do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS).

Introdução

O presente artigo tem por objetivo discutir a presença dos neofascismo¹ no Brasil diante da atual conjuntura de crise política vivida no país. Em meio aos intensos debates sobre as necessidades de reforma no sistema político nacional, bem como às manifestações contrárias e a favor do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, movimentos neofascistas buscam espaço para crescer. Num momento em que os brasileiros amplamente discursam contra a corrupção, mesmo que nem todos estejam distantes de um consenso estimulado pelos grandes meios de comunicação centrados nas acusações da “Operação Lava Jato”, organizações neofascistas se colocam como alternativas aos políticos no poder, sejam eles da esquerda ou da direita. Isso ocorre por meio de um esforço humano e coletivo que busca germinar suas ideias no Tempo Presente. Uma das ferramentas para a prática de tal trabalho é o *Hate Rock*.

O *Hate Rock* é um gênero musical que cumpre a função de disseminar ideias neofascistas, idealizar politicamente sociedades com base nesses discursos, cooptar potenciais militantes e legitimar crimes de ódio, incentivando a sua prática. A musicalidade do gênero é produzida, direcionada e consumida majoritariamente por jovens *skinheads*. Por se tratar de uma vertente do rock, acaba dialogando também com outros jovens que não são parte desses meios, podendo chamar a sua atenção para as causas que defendem os neofascistas. A sonoridade reflete expressa o teor dos discursos: velocidade, violência, batidas agressivas e distorções. A escolha pelo rock não é desprovida de intenções: cativa aqueles cujas frustrações e angústias necessitam ser canalizadas, o que ocorre não apenas com esse gênero, mas com outros frequentemente ligados à esquerda, como o *punk rock*.

O ódio fascista e a sua violência intrínseca são o elo entre as bandas desse gênero. O *Hate Rock* se torna um instrumento político cujo desenvolvimento revela os rumos dos neofascismos no presente, uma vez que as ideias expostas dialogam com contextos territoriais e temporais específicos, lidando com culturas políticas nacionais particulares. Por essa razão, o *Hate Rock* torna-se um lugar de conhecimento pelo qual esse estudo pode transitar no sentido de contribuir para um esclarecimento sobre a história dos neofascismos e sobre como ideologias do passado foram intencionalmente remodeladas, para serem usadas no presente, em novas realidades e sob a égide de novos agentes.

Recentemente, política e música se aproximaram ainda mais diante de um contexto no qual grande parte da população brasileira critica o governo vigente, o atual sistema político nacional e qualquer um que o defenda. Em meio a isso, movimentos políticos que se apresentam como alternativa aos partidos políticos atuais, caso da Frente Nacionalista (FN), em Curitiba, despontam à procura de adeptos e chamam a atenção por isso. A inspiração da FN é o fascismo italiano e o cenário no qual ascendeu, buscando nele as referências ideológicas pelas quais milita. Para tanto, se utilizou da música ao convocar oito bandas que tocariam no seu congresso inaugural. Quatro delas, que analisaremos nesse trabalho, possuem discursos abertamente neofascistas. A escolha por tê-las no evento não foi à toa: as bandas representam movimentos mais amplos, dos quais a FN é um resultado.

A pertinência de compreendermos porque bandas de *Hate Rock* são importantes em um evento fundador de um movimento que aspira à política brasileira se mostra quando percebemos que os discursos dessas bandas, explicitamente neo-

¹ Entendemos por neofascismos o conjunto de ideologias fascistas que, após anos de transmissão e reformulação de seus pressupostos, sem perderem, contudo, a essência de seus discursos políticos, são resultados de esforços para servirem a movimentos políticos no Tempo Presente. São, portanto, o resultado de empenhos humanos para se manterem vivos mesmo distantes dos contextos em que foram fecundados (TEIXEIRA DA SILVA, 2004).

fascistas, se assemelham aos discursos e às ações que muitas vezes vemos nas ruas. A Frente Nacionalista, responsável pela união das bandas que tocariam na noite do dia 12 de dezembro de 2015, não estava desprovida de intenções políticas quando pretendeu isso, uma vez que não faria sentido convidar bandas com perfis políticos tão específicos para seu congresso de fundação. Assim, torna-se tarefa instigante para o historiador do Tempo Presente compreender a simbologia desses movimentos e interpretar como as rupturas e as continuidades das ideologias fascistas do passado são produzidas no presente e como elas dialogam com o contexto no qual estão sendo usadas.

A resposta almejada virá a partir de uma análise dos discursos presentes em letras das músicas de quatro bandas que tocariam no congresso: “Confronto 72”, “CWB Oi!”, “Estandarte Patriótico” e “Linha 12”, todas do Paraná. Embora essas bandas não representem o perfil de todos os movimentos neofascistas brasileiros, estão diretamente ligadas a um tipo específico que se insere num momento político sobre o qual buscam agir. Ou seja, como atrações para o lançamento do movimento Frente Nacionalista, são aliadas de suas ideias e perspectivas quanto aos rumos que a sociedade brasileira deve tomar. Além disso, são aliados na adaptação e transmissão dos fascismos para o presente, sendo responsáveis por suas transformações.

Essas transformações históricas não são recentes. Para compreendê-las necessitaremos de um breve panorama sobre o surgimento do *Hate Rock* e de como ele está atrelado aos neofascismos, partindo em seguida para a análise da sua presença no Brasil, o que será feito no segundo tópico do artigo. Esse fato por si só poderá nos encaminhar a considerações importantes sobre as propriedades de adaptação e práticas fascistas em diferentes contextos e sociedades no presente. Não devemos nos deter sobre a suposta impossibilidade de reprodução dos fascismos em outros tempos e outras realidades, mas nos debruçarmos sobre os movimentos humanos que se empenham em permitir tal processo.

“Dezembrada”: Hate Rock e neofascismos como protagonistas

O evento intitulado “Dezembrada” estava marcado para ocorrer no dia 12 de dezembro de 2015, em Curitiba, no Paraná. Organizado pela “Rádio Combate”, tinha o apoio do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) – o mesmo de Levy Fidelix, candidato à presidência em 2014 – e seu objetivo era servir como congresso de fundação da Frente Nacionalista, movimento que aspira participar da política brasileira (SANTOS, 2015). Em meio às formalidades do evento, oito bandas executariam suas músicas para um público de aproximadamente mil pessoas que se deslocava de várias regiões do país. Poucos dias antes da data de sua realização, a “Dezembrada” foi adiada e, até o presente momento, não ganhou nova data.

O adiamento do evento teria sido resultado das manifestações de repúdio partindo de movimentos esquerdistas curitibanos, que se prontificaram a realizar manifestações no local de sua realização (BRAMBATTI; ANTONELLI, 2015). Isso porque a Frente Nacionalista é um movimento neofascista declarado, que se autodenomina uma “organização partidária filiada à Terceira Via”. A organização se coloca em defesa do Distributivismo, Corporativismo e Nacionalismo” (FRENTE..., 2015), cujas posições explicitam ódio a ideologias políticas opositórias e frequentemente se manifestam no sentido de sugerir culpados para uma suposta crise de decadência nacional. Frente a essa polêmica, o PRTB teria declarado jamais

ter apoiado o evento. A “Rádio Combate”, no entanto, não se pronunciou. Essa é uma rádio virtual que, embora não opere como uma rádio comum, disponibiliza uma razoável quantidade de material musical voltado aos neofascismos e funciona com regularidade.

Em sua página do Facebook (RÁDIO..., s/d), numa postagem do dia 21 de março de 2016, às 16h35 (RÁDIO..., 2016), a “Rádio Combate” expõe um vídeo de propaganda no qual se posiciona contrária à esquerda (inclusive, ostentando uma bandeira com a foice e o martelo cortados por um sinal de “proibido”) e ao liberalismo. Exibem a cruz de ferro germânica, frequentemente utilizada pelos nazistas. Defendem a ideia de serem uma milícia civil contrária ao sistema sócio-político vigente e evocam o nacionalismo como principal bandeira. A organização não é a única. As bandas escaladas para participar do frustrado evento partilham de visões de mundo idênticas.

Uma delas é a “Confronto 72”, que em 2013 lançou uma *demo*² chamada “Rock Anti Comunista”, na qual está presente a música intitulada “Adoradores do bezerro de ouro” (CONFRONTO..., 2013). Nela ouvimos: “Pelo mal causado à humanidade/Vocês pagarão em dobro, no dia do juízo final/Adoradores do bezerro de ouro”. Fica claro que os “adoradores do bezerro de ouro” devem pagar pelo suposto mal comentado pela banda, mas quem são eles e que tipo de mal teriam cometido? Para o ouvinte mais desavisado, trata-se de algo confuso ou mesmo sem sentido. Porém, o Bezerro de Ouro é um dos mais emblemáticos ídolos da cultura judaica, o que por si só indicaria a posição antissemita da banda.

Mais adiante, os integrantes explicitam seu ódio: “Deixam famílias e nações/Para roubar os seus tesouros/Alienígenas sionistas, adoradores do bezerro de ouro” (CONFRONTO..., 2013). Os judeus, aqui chamados de “sionistas”, são caracterizados pela banda como traidores de suas nações, invasores e usurpadores materialistas, pois sua riqueza seria fruto de conquistas ocorridas nos lugares aos quais historicamente não pertenceriam. Estariam dispostos a “trair” tudo que a banda mais valoriza em nome da riqueza material. Ao serem tratados como “alienígenas”, são excluídos da nação que a banda idealiza. Seu comportamento, portanto, seria nocivo e por essa razão “pagarão em dobro”.

O ódio aos judeus é intrínseco ao nazismo histórico que pregava “que a luta de classes deveria ser substituída pela unidade nacional; que ideias e valores eram mais importantes do que conquistas materiais” (LAQUEUR, 1996: 20). A “Confronto 72” defende essa ideia por enfatizar o materialismo judaico, o que no início do século XX foi uma das justificativas do nazismo para tentar conseguir respaldo para suas críticas ao liberalismo e à democracia, cujas diretrizes defendiam interesses dos “alienígenas sionistas”. A banda não ressalta a característica racista da ideologia antissemita do nazismo clássico (e sequer faz menção a ele), mas se aproxima dele por meio de seu discurso, além de apontar os malefícios desse povo para a nação.

É sabido que para os fascistas é necessário estabelecer “um inimigo demonizado contra o qual mobilizar seus seguidores, mas, é claro, o inimigo não tem necessariamente que ser judeu” (PAXTON, 2007: 72). Criar inimigos é, para os fascismos, desde sua gênese, uma prática que aglutina as massas para defender a nação contra aquelas denominadas ameaças. No entreguerras, associar esses inimigos a sistemas políticos específicos, como o liberalismo e o comunismo, por

2 Gravações com poucos recursos, normalmente usadas pelas bandas para apresentarem seus trabalhos a gravadoras ou a agentes da indústria musical. Também produzidas para divulgar prévias do que as bandas pretendem gravar em discos mais bem produzidos.

exemplo, energizou sociedades contra eles, no sentido de desestabilizar a política e tornar esses sistemas desacreditados, abrindo caminho para aquele novo modelo político. A então “nova fórmula dos fascistas (...) prometia resolver os conflitos territoriais permitindo que os fortes triunfassem” (PAXTON, 2007: 63).

Embora a “Confronto 72” não esteja se direcionando a uma energização de massas, eles defendem que os judeus são inimigos. Suas músicas podem não convencer a sociedade brasileira de que esses inimigos necessitam ser exterminados, mas podem alcançar jovens em formação ou parcelas da sociedade que se identificam com um discurso antiliberal e, incidentalmente, podem flertar com o antissemitismo se o liberalismo estiver impedido de ajustar a “nação” e se crie um consenso de que ele é comandado pelos que determinam como inimigos. Ao mesmo tempo, o mesmo discurso pode servir quando se tratar de outros inimigos.

Outra banda que tocava no evento, a “Estandarte Patriótico”, canta em sua música intitulada “Guerreiros da Terceira Posição”: “Nossa luta é direcionada contra os reais inimigos da nação/Não iremos recuar/A vitória é nossa obrigação/Nossa soberania está sendo roubada por vermelhos e liberais” (ESTANDARTE..., 2015). Dessa forma, entendemos que os liberais e os “vermelhos”, ou seja, os de alinhamento esquerdista à qual a cor frequentemente é atribuída, não apenas são incapazes de gerir a nação politicamente como são inimigos dela. Inimigos porque impedem a soberania da almejada nação, uma constante busca entre os movimentos neofascistas e mesmo dos fascismos históricos. Os políticos das duas vertentes teriam se mostrado, nos últimos 26 anos, incapazes de conduzir a nação brasileira da forma que a banda e seus pares idealizam.

Se por um lado o liberalismo é rechaçado pelos fascismos por defender uma democracia caucada em diretrizes capitalistas, por outro os comunistas e a esquerda em geral, frequente e erroneamente generalizadas como marxistas, se tornam inimigos políticos por também dialogar com o materialismo e por serem “conspiradores antinacionais” (TEIXEIRA DA SILVA, 2014: 43). E se os neofascismos, ao mesmo tempo que realizam rupturas com o passado, dão continuidade a discursos clássicos dos fascismos, o ódio aos dois sistemas políticos permanece. O fascismo, que surgiu como uma “terceira posição”, rechaçava ambos e buscava substituí-los³.

Nesse sentido, é importante pensarmos o contexto com o qual a música dialoga e no qual o evento “Dezembrada” pretendia ser organizado, bem como o lançamento da FN. Um momento no qual a crise política no Brasil se alastrava e se tornava aguda, com amplas contestações sociais que atribuíam ao governo da presidenta Dilma Rousseff, e ao seu Partido dos Trabalhadores, uma culpabilização generalizada por crimes de corrupção investigados pela recente e famigerada Operação Lava Jato. A excessiva cobertura da grande mídia brasileira, defensora de interesses opostos ao do governo vigente, bem como as insistentes investidas do poder judiciário respaldado pela população e interessado na queda do governo, criaram o consenso de que a presidenta deveria ser derrubada por *impeachment*, ainda que não haja provas concretas do seu envolvimento em supostas pedaladas fiscais como acusam seus delatores.

O que vemos hoje nas ruas, resultado da criação desse consenso sem provas substanciais de crime que possibilitem o *impeachment*, é uma violência desmedida contra defensores do PT e da presidenta, ou mesmo contra aqueles que se opõem

3 É importante pensarmos, conforme afirma Hobsbawm (1995), que o liberalismo e o comunismo eram provenientes de mesmas matrizes, ou seja, do Iluminismo e da Revolução Francesa, impregnada com ideais iluministas. Os fascistas, que possuíam uma visão idílica do passado, de comunidades destruídas pela desordem que teria sido causada por tais mudanças, se colocavam como a alternativa supostamente capaz de conduzir a um reordenamento nacional.

ao processo golpista que visa tirá-la do poder. Pior: indivíduos são abordados nas ruas e agredidos simplesmente por estarem usando peças de roupa vermelha. A sede do PT em Minas Gerais foi depredada (SEDE..., 2016) por vândalos que desaprovam o governo e o chama de comunista ou socialista, ainda que ele esteja longe de ambos. Lembremos que “o fascismo italiano (...) irrompeu na história por meio de um ato de violência contra não apenas o socialismo como também contra a legalidade burguesa, em nome de um pretensão bem nacional maior” (PAXTON, 2007: 19), quando, em 1919, Mussolini e seus comparsas destruíram a sede do jornal socialista “Avanti”, em Milão..

Não sejamos anacrônicos e não façamos comparações desmedidas: o Brasil de agora não é como a Itália do início dos anos 1920. Não podemos dizer também que os atos de violência são idênticos. No entanto, duas coisas são importantes de serem consideradas ao compararmos os acontecimentos. Em primeiro lugar, compreendermos como práticas fascistas, mesmo que não sejam entendidas como tais pelo seus praticantes de hoje, podem ser percebidas num novo contexto e são parte de um processo humano de reelaboração e adaptação. Em segundo lugar, os discursos de bandas como as duas até então apresentadas podem ganhar respaldo longe de seus círculos tradicionais e penetrar mais profundamente na sociedade, uma vez que, mesmo sem querer, compartilham do ódio que as massas atualmente direcionam ao governo.

O ódio contra os inimigos e os métodos para expressá-lo se faz presente em músicas como “Vamos para a guerra”, de outra banda que integraria o *line up* do evento, a “Linha 12”. Ela diz: “Segura ele, sem dó desce o cacete/Pega aquele taco e arranca todos os dentes/Se tentar correr, desce a coturnada/Se tentar trocar, prejuízo vai levar” (LINHA., 2009). A violência é comum aos *skinheads* neofascistas que consomem e executam esse tipo de música, que não apenas legitima atos de violência e crimes de ódio contra os opositores de suas ideologias, mas também desenvolve um forte senso de união e proteção entre esses indivíduos.

O que diferencia, por exemplo, um *skinhead* neofascista contrário à esquerda que violenta um adepto de suas ideologias políticas e os manifestantes anti-Dilma que, em manifestação realizada no dia 17 de março, em São Paulo, agrediram um adolescente que defendia o PT? (ADOLESCENTE..., 2016) A prática é a mesma. A diferença é que para os *skinheads* as ideologias neofascistas são explícitas e guiam suas atitudes de forma clara, enquanto para parcelas dos manifestantes contrários ao governo vigente essa prática não é esclarecida ou mesmo aceita, ainda que utilizem-na. No entanto, a proximidade entre elas pode fazer com que movimentos neofascistas ganhem espaço em setores da sociedade que compartilham de seus inimigos.

Nos chama a atenção a introdução da música “Não muda nada”, da banda “CWB Oi!”, também escalada para o evento. Nela há um áudio do programa de rádio do falecido jornalista policial paranaense Luiz Carlos Alborghetti, famoso por suas declarações polêmicas e conservadoras, onde ele narra um suposto assalto que teria sofrido:

Eu fui pegar uma fita, num Blockbuster na rua Chile.... Meteram uma faquinha de bosta, dois moleques, encostaram a faca nim (sic) mim, eu fiquei parado olhando. Olhei para eles.... Falei “que vocês querem? ”. –Grana. “Grana a puta que o pariu, vagabundo, vai pedir pro Lula! Vai pedir pro PT, filho (sic) das puta! ” E fui com tudo (...), mas dei na cara do moleque, tomei a faca (...). Olha, trombadinha... em cada esquina de Curitiba tem cinco, seis pra assaltar sua família! (CWB..., 2013)

Mais adiante, a banda critica a presença de mendigos pela cidade de Curitiba, de onde são provenientes: “Eu não posso mais andar pelas ruas da minha cidade/Sou cercado por mendigos implorando por caridade/Eu odeio dar esmola, não quero enganar você/Eu nunca fui hipócrita, mas não sei o que fazer/Eu não tenho culpa do seu desespero” (CWB..., 2013). Se unirmos o discurso de Alborghetti no início da música ao trecho aqui transcrito, perceberemos que os mendigos e os “trombadinhas” são inseridos numa mesma perspectiva de marginalidade e de decadência social, representando um perigo para a família e para a sociedade. Além disso, o uso de uma fala do radialista no início da música criticando o PT nos aponta para uma tomada de postura da banda que é também contrária ao partido.

Novamente temos uma banda que critica o governo vigente, atribuindo a ele a culpa pela existência daqueles que acreditam ser degenerados sociais, incompatíveis com o que pensam ser bom e correto. Ao passo em que esse tipo de música, produzida por neofascistas, pode se aproximar da sociedade de alguma forma, a simpatia de alguns que reconhecem no discurso elementos semelhantes aos seus pode levar a uma ampliação, mesmo que pequena, de adeptos dos neofascismos. Sobretudo se pensarmos que o rock dialoga com a juventude que, em formação, busca canalizadores para as suas frustrações e angústias, seja na esquerda ou na direita.

Num momento em que a situação política já se encontrava tensionada e majoritariamente criticada por, de um lado, os que defendem partidos opositores (PSDB, PMDB, etc.) e, de outro, aqueles que criticam toda a política, incluindo os partidos opositores, torna-se relevante analisarmos as referências que as bandas aqui apresentadas buscam no passado. Os fascismos clássicos “apelaram dando aos que se sentiam perdidos no mundo moderno uma nova mitologia e um renovado senso de pertencimento” (JACKSON, 2012: 88), apresentando o ódio e a violência como soluções para a crise política e a apatia dos governantes. Uma solução que rechaçava a esquerda e a direita.

Não só as músicas das bandas se convertem em instrumento político a serviço dos neofascismos, se aproximando dos ideais sociais de parcelas da sociedade que não fazem parte de seus círculos, sendo capazes de cooptar membros delas, mas também a necessidade de um congresso para inaugurar um movimento político se torna importante de ser investigado. A Frente Nacionalista deixa claro o que pretende, quem são seus inimigos e que tipo de política almejam promover como movimento político. Em meio à crise política brasileira, suas visões de mundo se inspiram no passado para dar rumos ao presente.

Por conversar com o seu tempo, os neofascismos são resultado de adaptações humanas intencionais para que ideais do passado possam permanecer no presente, ainda que sofram algumas rupturas. No entanto, a continuidade de seus preceitos políticos acaba sendo passível de utilização em diferentes contextos, mesmo aqueles distantes do início do século XX. Isso tornou possível a existência de dois tipos recentes de neofascismos que “apresentam-se divididos entre uma corrente dita histórica”, que busca na simbologia e nas práticas do passado o seu referencial, “é uma vertente moderna (...), que, mesmo mantendo ideário fascizante, abandona as imagens tradicionais do fascismo” (TEIXEIRA DA SILVA, 2004: 606) tendo em vista uma mais ampla aceitação no presente.

As bandas que examinamos, a Frente Nacionalista e os *skinheads* que fazem parte da “linha de frente” dos neofascismos estão mais próximos da primeira vertente, enquanto partidos políticos que se relacionam de maneira mais próxima com a arena estatal parecem se aproximar da segunda. Esses passam pelo que Nigel Copley (2004) e Daniel Woodley (2010) chamaram, sob o respaldo de outros

autores, de “cirurgia cosmética” a fim de disfarçar o conteúdo explicitamente neofascista de suas agendas, buscando legitimidade social. Enquanto isso, os jovens abraçam o “processo de fascistização” (TEIXEIRA DA SILVA, 2014: 29) por completo, sendo marginalizados e menos relevados por estarem mais próximos de uma imagem desgastada dos fascismos que não são socialmente aceitas de forma majoritária.

Isso não os impede de serem atores políticos e agentes históricos, ao passo em que fornecem, por meio de suas músicas, suas idealizações coletivas (ainda que restritas a um coletivo reduzido), críticas à sociedade e aos modelos políticos vigentes e transformam uma vertente política do passado em algo renovado, capaz de ser desenvolvido no presente. Essas transformações, que perpassam anos e sofrem um incontável número de intervenções humanas, estão ancoradas na realidade que fornece aos compositores das bandas, representantes de movimentos mais amplos, as bases para o discurso que compõem e defendem.

Uma vez que “cada cultura especifica seu próprio inimigo nacional” (PAXTON, 2007: 72), aqueles que devem ser combatidos para que a nação se unifique em um corpo homogêneo, os neofascistas do Brasil trataram de usar as ideologias clássicas dos fascismos sob o prisma de seu contexto, ou seja, um contexto no qual a política aparece fragilizada. Nesse sentido, trazem o anticomunismo e o transformam em antipetismo; buscam na violência fascista o referencial para lidar com os inimigos de hoje, resultando, por vezes, em atos de violência física nas ruas; estabelecem esses inimigos com base na tradição fascista e na sociedade atual que compõem, e flertam com as vozes que atualmente circulam pelas ruas “sem partido”, massas descontentes incitadas por um consenso tendencioso e violento.

Do presente ao passado: Os pais da “Dezembrada” e da Frente Nacional

O *Hate Rock* teve suas origens na Grã-Bretanha do final dos anos 1970, na onda dos primeiros movimentos de *skinheads* neofascistas da região. Como outros países capitalistas, a Inglaterra vivia naquele período o que Eric Hobsbawm chamou de “Décadas de Crise” do capitalismo moderno, momento em que “os Estados nacionais perderam seus poderes econômicos” (HOBSBAWM, 1995: 398), o que se agravou sobretudo pelas duas Crises Mundiais do Petróleo em 1973 e 1979. Se alastrava pelo país um cenário de desemprego, incertezas políticas e pessimismo frente à crise que se aprofundava.

A direita liberal estava desacreditada, sendo o liberalismo duramente contestado por sua incapacidade de sanar os problemas econômicos que geravam ainda mais desigualdade e estagnação. A esquerda, principalmente a socialista, era apontada como passiva e pouco efetiva em seus intentos. Tal conjuntura permitiu que partidos da extrema-direita ganhassem visibilidade, bem como o surgimento de movimentos jovens de contestação. Entre eles, os movimentos de *skinheads* neofascistas que criticavam a esquerda e a direita pela incapacidade de lidar com a crise. O *Hate Rock* se tornou seu ambiente favorito de difusão dessa crítica, que alcançaria outros países mais tarde.

Não é possível precisarmos exatamente quando o *Hate Rock* chegou ao Brasil, mas podemos afirmar que ele já estava presente entre os primeiros *skinheads* da região do ABC Paulista, onde os movimentos iniciais se formaram. Há indícios de que já em 1985, portanto poucos anos depois do aparecimento dos *skinheads* em São Paulo, havia uma organização em torno de eventos musicais como o “Dezembro Negro”, passando, mais tarde, a se chamar “Dezembro Oi!” (SALAS,

2006). No momento em que surgem no Brasil, os primeiros agrupamentos de *skinheads* lidaram com um perfil político permeado pela presença de uma ditadura militar que, mesmo menos intensa se comparada a anos anteriores, interferia em liberdades e direitos sociais, havendo ainda grande repressão.

Segundo Márcia Regina da Costa (2000), os *skinheads* que formaram movimentos como o “Carecas do ABC” e “Carecas do Subúrbio” buscavam se distinguir dos movimentos europeus e reforçar suas características nacionais. Para eles, o Brasil era subdesenvolvido graças ao imperialismo, os punks representavam ideologias políticas antinacionais (como o anarquismo) e por isso necessitavam combatê-los, sendo necessário revigorar instituições sociais como a família para tornar o país forte. Isso pode ser explicado pelo fato de que as informações que chegavam ao Brasil, por intermédio da mídia, já apresentavam os *skinheads* como ultraconservadores e mesmo neofascistas, pois a cisão já havia ocorrido na Europa. Além disso, os *skinheads* brasileiros recebiam e trocavam uma considerável quantidade de *fanzines*, havendo entre estes a presença de discursos neofascistas.

Alexandre de Almeida (2011) aponta para o fato de que a primeira banda do subgênero *White Power Rock* brasileira foi a “Locomotiva”, atuante entre 1988 a 1992. Isso mostra que essa pode ter sido também uma das primeiras bandas de *Hate Rock* nacional, uma vez que se utilizava de discursos neofascistas para defender o racismo por meio da música. De acordo com o autor, a banda “cooptou elementos de outros grupos juvenis”, para então conseguir “estruturar células da organização [“Poder Branco”, da qual fazia parte] na capital do estado de São Paulo, região metropolitana e em algumas cidades do interior paulista” (ALMEIDA, 2011: 03).

A banda “Grupo Separatista Branco”, popularmente conhecida pela sigla GSB, foi outra banda brasileira pioneira no gênero. Além de promover o racismo, as músicas da banda intercediam em favor do separatismo, julgando ser o estado de São Paulo suficientemente rico e culturalmente distinto do restante do país a ponto de poder ser gerido separadamente, como uma espécie de nação autônoma. Como tentativa de explicar a distinção dos paulistas, os discursos da banda exaltavam “a identidade européia do paulista, a necessidade de separar o estado de São Paulo do resto do Brasil como forma de evitar a degeneração do sangue europeu”, além de trazer “forte teor anticomunista e antijudaico” (ALMEIDA, 2011: 09). Havendo a necessidade de exaltar uma suposta identidade européia entre os paulistas, a banda define seu exemplo de identidade e delimita aquelas que merecem repúdio e são inferiorizadas nas músicas.

Outra banda dos anos 1980, a “W.C.H.C.”, também paulista, lançou em 1989 a música “Migrante”, na qual são incisivos contra a presença dos migrantes em São Paulo, quando dizem: “Você só suga o sangue paulista/Apenas mais um na concorrência/Empregos, mulheres, terras/Tudo isso você vai roubar/Volte pra sua terra, migrante filho da puta” (W.C.H.C., 1988). O sentimento de ódio aos migrantes, marca dos fascismos e tema frequente do *Hate Rock*, não se diferencia do nacionalismo ou regionalismo da ideologia levada às últimas consequências por Benito Mussolini e Adolf Hitler, respectivamente, na Itália e na Alemanha; não se distancia também do discurso defendido por partidos neofascistas mais recentes como o *British National Party* e o *National Front* contra africanos e asiáticos, na Inglaterra do final dos anos 1970; não estão aprisionados às músicas, como vemos em casos de agressão a migrantes ocorridos em nome de causas neofascistas pela hegemonia cultural. Representam uma continuidade ideológica e, ao mesmo tempo, sua metamorfose em meio a contextos distintos.

Um caso aparentemente atípico aparece quando nos voltamos para a banda “Bandeira de Combate”, surgida em fins dos anos 1980 na Bahia. Se regra geral as bandas de *Hate Rock* estão localizadas no Sul e Sudeste do país e mostram-se comprometidas com o racismo e a xenofobia – no caso das brasileiras, os migrantes mais alvejados são os provenientes do nordeste-, como é possível a presença de uma banda neofascista nordestina e situada em um dos estados com maior população negra e mestiça do país? Responder a essa questão necessita um exercício histórico que, conseqüentemente, nos dirá também mais sobre a constituição do *Hate Rock* brasileiro e os esforços para torná-lo particular.

Até que a Itália fascista e a Alemanha nazista se aliassem formalmente, sendo a segunda inspirada na primeira, o racismo não era uma questão prioritária ou mesmo institucionalizada nessa ideologia. Após sua institucionalização pelo Terceiro Reich, o racismo passou a fazer parte da agenda fascista de forma mais nítida (KONDER, 2009). Cada organização política fascista conduzia seus debates raciais de forma específica e considerando seus contextos. O modelo brasileiro do fascismo, o integralismo, por exemplo, valorizou “a fusão racial” e rejeitou “os ideais arianistas de pureza racial” (BERTONHA, 2014: 89) caros ao nazismo, principalmente. Isso nos mostra a facilidade com a qual os fascismos podem ser reorganizados para contemplar uma sociedade específica. Logo, podemos perceber que o *Hate Rock*, ferramenta desses movimentos, se ramifica em diferentes subgêneros, como o *White Power Rock*, quando os neofascismos priorizam o racismo.

Seja como for, o Brasil possuiu uma significativa quantidade de grupos representativos para os neofascismos, bem como bandas que lhes dão visibilidade desde os anos 1980. Ainda que sua representatividade em termos nacionais, ou mesmo em seu envolvimento com a esfera estatal, seja diminuta, sua presença é relevante e seus discursos podem facilmente se misturar com um cenário político mais atual vivido no Brasil desde o fim das eleições presidenciais de 2014. Após a reeleição da presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores) e do esforço da grande mídia em atribuir seu partido a um dos mais graves casos de corrupção do país, investigado pela chamada “Operação Lava Jato”, parcelas da população se engajaram em defesa do *impeachment* da presidenta e se esforçaram em transformar o PT em alvo de críticas que ultrapassaram o bom senso.

Ainda em 2006, o governo de Luís Inácio Lula da Silva foi contestado pelos neofascistas brasileiros, como pode ser percebido na música “Volta C.C.C.”, presente no álbum “Marchando Rumo à Vitória”, da banda “Comando Blindado”, quando ouvimos: “Partido da moda, showmício e bandeirinha/Discurso da vitória, maldita estrelinha/Ilusão massiva de um povo sem memória/Amarga e passa fome por mais essa derrota” (COMANDO..., 2006.) Embora não fique explícito, o Partido dos Trabalhadores, referenciados pela menção à “estrelinha”, é o alvo de seu ódio.

A sigla “C.C.C.” presente no título da música nos mostra que a banda evoca um movimento popular que, nos anos 1960, agiu de maneira violenta, denunciando ou mesmo agredindo fisicamente seus inimigos, o “Comando de Caça aos Comunistas”. O anticomunismo é peça fundamental das ideologias fascistas desde os seus nascimentos pelas características ditas antinacionalistas atreladas ao comunismo (MARIÁTEGUI, 2010). Mesmo que de forma errônea, o PT é associado pela banda a essa ideologia política por sua tradição operária de esquerda, o que se distancia enormemente do que foi realizado na prática por seus governos. Essa crítica violenta e agressiva não é completamente distinta das insistentes manifestações de rua promovidas pela direita, sobretudo pelas classes médias e as elites do

país desde meados de 2015, que associam o PT ao comunismo, ao bolivarianismo chavista e, em exemplos mais extremos, evocam os militares como solução para os problemas do país.

O desenvolvimento do Brasil, esperado por muitos dos eleitores do PT quando Lula foi eleito, acabou comprometido pela incapacidade do governo, aquele no qual muitos mantiveram, por algum tempo, a crença de ser o responsável por alguma conversão, de reverter os problemas de renda e educação existentes, fundamentais ao desenvolvimento almejado (BERTONHA, 2011). A direita e seus seguidores mais extremos desfrutaram de intensas críticas, propondo soluções condzidentes com suas ideologias. O mesmo no caso dos neofascistas.

Frente à polarização desse debate e seu acirramento, alguns grupos ganham destaque como porta-vozes de discursos extremistas que excluem minorias ou mesmo demonstra ódio explícito a elas. Políticos como Jair Bolsonaro e organizações civis como o “Movimento Brasil Livre” (MBL) acabam ganhando força como alternativas à crise, por defenderem agendas conservadoras e uma oposição extrema ao PT. Após as manifestações do dia 15 de março de 2015, ocorridas em várias partes do Brasil em repúdio ao governo vigente, onde tanto Bolsonaro quanto o MBL possuem grande aceitação, um grupo de *skinheads* neonazistas agrediu dois jovens em Curitiba, enquanto gritavam “morte aos homossexuais” (NEONAZISTAS..., 2015).

Os *skinheads* neofascistas são contrários aos homossexuais, acusando-lhes de desvirtuarem o conceito tradicional de família que também vem sendo fortemente debatido graças à intensa presença de bancadas e políticos religiosos no Congresso Nacional, um dos sólidos pilares do conservadorismo político de nossa atualidade. Durante o regime nazista na Alemanha os homossexuais eram duramente perseguidos, sob a justificativa de que a relação entre pessoas do mesmo sexo atrapalhava o processo de reprodução e, conseqüentemente, de ampliação da raça ariana e de forças militares. Pessoas foram mortas e aprisionadas a campos de concentração pelo simples fato de terem uma orientação sexual diferente (BRAZDA; SCHWAB, 2011).

A banda paulistana “Defesa Armada” lançou, em 1996, uma música intitulada “Esquadrão Anti-Gay”, cuja letra dizia: “Esquadrão Anti-Gay pra metralhar/ Esquadrão Anti-Gay da repressão/ Esquadrão Anti-Gay vai te curar/ Esquadrão Anti-Gay é a solução” (DEFESA..., 1995). Não devemos cair em um debate frágil que acusa as músicas (assim como jogos de videogame, filmes, etc) de serem responsáveis diretas pela violência como essa ocorrida em Curitiba. No entanto, a música legitima as ações “em nome da causa”.

Grupos que se mobilizam contra os direitos de pessoas do mesmo gênero manterem relações afetivas não necessariamente podem ser apontados como neofascistas ou comparados aos que existiam na Alemanha nazista. Mas, é pertinente pensarmos a proximidade dos discursos e como eles incidem de maneira agressiva sobre indivíduos e grupos cujas visões de mundo divergem daquelas pensadas por esses militantes conservadores. Em um momento como esse, o respaldo de alguns discursos neofascistas acaba, mesmo sem querer, sendo ampliado por parte da sociedade na qual eles buscam penetrar. É preciso estarmos atentos.

O que uma organização neofascista pensará sobre os direitos políticos dos casais homoafetivos pode não se distinguir por completo daquele apoiado por parcelas conservadoras da sociedade, mesmo que essas não se identifiquem como neofascistas. O mesmo sendo possível em relação a prática de crimes, quando ambos podem defender a execução de criminosos ou de supostos “inimigos nacionais” por meio

da ação civil, ou mesmo respaldar ações policiais que dispensam formalidades legais, como o julgamento ou mesmo o interrogatório. Nesse sentido, a música pode facilmente atrair jovens imersos no conservadorismo e dar-lhes chaves radicais para combater o que consideram errado, podendo, por vezes, levar-lhes a movimentos mais complexos e explicitamente neofascistas.

Não há no Brasil organizações políticas com esse perfil, tão articuladas quanto as que vimos surgirem na Inglaterra, capazes de canalizar esses discursos em favor de suas ideologias e elaborar programas políticos. No máximo, há esboços de ressurgência do integralismo por meio da “Frente Integralista Brasileira”, fundada em 2004 por meio de um congresso que reuniu integralistas de todo o país, cujos preceitos são praticamente os mesmos da AIB dos anos 1930, porém mais associados a causas do presente. A Frente Nacionalista almeja modificar esse panorama e tornar possível que os neofascismos sejam visíveis e ganhem espaço.

Considerações finais

De sua chegada ao Brasil ao momento em que se encontram hoje, os neofascismos passaram por longos processos de mudança que visavam ao seu funcionamento em um contexto particular. Suas contradições, permanências e rupturas, além de seu diálogo constante com o passado, mas ancorado firmemente no presente, nos mostram a complexidade das transformações que possibilitaram sua prática num passado recente. Além disso, possibilitam chamar a atenção da sociedade ainda hoje por possuírem linguagens semelhantes e, por vezes, idênticas ao ódio proferido em algumas ocasiões por manifestantes incitados pelo ódio.

O ódio ao PT e aos que são contrários às manobras políticas que buscam criminalizá-lo e respaldar outros políticos, que defendem cegamente o impeachment em andamento, constante entre enormes camadas da população brasileira atualmente, é compartilhado por neofascistas contrários à esquerda. Para esses, inspirados na violência do passado fascista, a agressão física não apenas é sugerida como também apreciada na forma de uma atitude que busca um bem maior: a salvação da nação. A violência que os neofascistas provocam e defendem nas músicas não se distancia da que muitas vezes é praticada nas ruas, quando militantes contrários ao governo do PT enxergam inimigos gerados por um consenso originado externamente.

Diante disso, enquanto a esquerda aparece criminalizada e pairam dúvidas sobre a dirieta, movimentos políticos que se colocam como solução a ambos, rechaçando abertamente os dois lados, ganham visibilidade e mesmo força. Quando se utilizam de um gênero musical específico para alcançar militantes em potencial, ou mesmo para chamar a atenção da sociedade, se aproveitam de um mecanismo político no qual suas idealizações são narradas e sugeridas, podendo encontrar ouvidos e gerar mais violência e aceitação de suas ideias.

O *Hate Rock* possui múltiplas utilidades nesse processo. Expõe as visões de mundo dos neofascistas, suas mudanças e características particularizantes que distinguem os discursos, numa busca incessante para manterem-se ativos e passíveis de uso. Mesmo que haja distinções significativas, o *Hate Rock* trata de direcioná-las num mesmo sentido: o do ódio ao “outro”, ao diferente, àquele que não é concebido como parte da nação que os neofascistas, com base em perspectivas passadas, almejam construir. É por meio do *Hate Rock* que a militância pode se tornar mais ampla e é por meio dele que podemos visualizar panoramas representativos das práticas neofascistas nos mais diferentes países. No contexto político em que vi-

vemos, a difusão dos neofascismos pode atrair novos militantes e, certamente, o *Hate Rock* constitui-se em um instrumento reverberador do ódio ao outro, uma ferramenta para a instigação da violência contra os agrupamentos democráticos presentes em nossa sociedade civil.

Referências

Adolescente é agredido na cabeça por defender o PT – Disponível em <<http://www.brasil247.com/pt/247/sp247/221621/Adolescente-%C3%A9-agredido-na-cabe%C3%A7a-ap%C3%B3s-defender-o-PT.htm>>. Acesso em 27/03/2016, às 13h46.

Almeida, Alexandre de (2011). A locomotiva skinhead: A relação entre música e memória na construção da identidade de uma organização White Powe paulista. Seminário internacional história do tempo presente. Florianópolis. UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 1, Agosto, 04-10.

Bertonha, João Fábio (2011). Geopolítica, defesa e desenvolvimento: A primeira década do século XXI na América Latina e no mundo. Brasil. EDUEM,

Bertonha, João Fábio (2014). Integralismo: Problemas, perspectivas e questões historiográficas. Maringá. EDUEM.

Brazda, Rudolf; Schwab, Jean-Luc (2011). Triângulo rosa: Um homossexual no campo de concentração nazista. São Paulo. Mescla Editorial.

Brembatti, Katia; Antonelli, Diego. “Grupo fascista cancela congresso na região de Curitiba” – Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/grupo-fascista-cancela-congresso-na-regiao-de-curitiba-1mgjehkdxl5yc2ompbr1e-6ne2>> . Acesso em 26/03/2016, às 09h54.

Comando Blindado. Volta C.C.C.. In: Marchando rumo à vitória. EUA: Zyklon B Records, 2006. 1 CD. Faixa 02.

CONFRONTO 72. Adoradores do bezerro de ouro. In: Rock Anti Comunista. Curitiba: Independente, 2013. Faixa 03. MP3.

Copsey, Nigel (2004). Contemporary birtish fascism: The British National Party and the quest for legitimacy. New York. Palgrave Macmillia.

Costa, Márcia Regina da (2000). Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo. Musa Editora.

CWN Oi!. Não muda nada. In: Demo. Curitiba: Independente, 2013. Faixa 02. MP3.

Defesa Armada. São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 02. 01 CD.

Estandarte Patriótico. Guerreiros da Terceira Posição. In: Ensaios. Curitiba: Independente, 2015. Faixa 01. MP3.

Frente Nacionalista – Disponível em <https://www.facebook.com/Frente-Nacionalista-FN-1596413540629486/info/?tab=page_info> . Acesso em 26/03/2016, às 11h57.

Hobsbawm, Eric J. (1995). Era dos extremos: O breve século XX. São Paulo. Companhia das Letras.

Jackson, Paul. (2012) Conclusions. In: Jackson, Paul; Shekhovtsov, Anton (Orgs.). White Power Music: Scenes of extreme-right cultural resistance. Northampton.

RNM Publications.

Konder, Leandro (2009). Introdução ao fascismo. São Paulo. Expressão Popular.

Laqueur, Walter (1996). Fascism: Past, present and future. New York. Oxford University Press.

Linha 12. Vamos para a guerra. In: Demo. Curitiba: Independente, 2009. Faixa 01. MP3.

Marátégui, José Carlos (2010). As origens do fascismo. São Paulo. Alameda Editora.

Neonazistas atacam em Curitiba depois de protesto deste domingo e geram pânico – Disponível em <<http://revistaladoa.com.br/2015/03/noticias/neonazistas-atacam-em-curitiba-depois-protesto-deste-domingo-geram-panico>> . Acesso em 08 de junho de 2015, às 12h.

Paxton, Robert O (2007). A anatomia do fascismo. São Paulo. Paz e Terra.

Rádio Combate – Disponível em <<https://www.facebook.com/radiocarecanacionalista/>>. Acesso em 26/03/2016, às 12h42.

Rádio Combate: O terror da esquerda e dos liberais” – Disponível em < <https://www.facebook.com/radiocarecanacionalista/videos/vb.246644758870561/480694055465629/?type=2&theater>>. Acesso em 26/03/2016, às 12h45.

Salas, Antonio (2006). Diário de um skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista. São Paulo. Planeta.

Santos, Ivan. “Curitiba sedia fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo” – Disponível em <<http://www.bemparana.com.br/politicaemdebate/index.php/2015/12/07/curitiba-sedia-fundacao-de-partido-inspirado-no-fascismo-e-integralismo/>>. Acesso em 26/03/2016, às 9h45.

SEDE do PT é alvo de vandalismo pela 3ª vez neste mês – Disponível em < <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/03/sede-do-pt-em-belo-horizonte-e-arrombada-neste-sabado.html>>. Último acesso em 11/05/2016, às 15h.

Teixeira Da Silva, Francisco Carlos (2004). Neofascismo. Enciclopédia de Guerras e Revoluções no século XX e XXI. Rio de Janeiro. Campus/Elsevier, 2004, 606-608.

Teixeira Da Silva, Francisco Carlos (2014). Sobre os tribunais no Terceiro Reich, os fascismos e ditaduras: O que ainda há para estudar? Velhas e novas direitas: A atualidade de uma polêmica. Recife. EDUPE, p. 28-48.

W.C.H.C. Migrante. In: Ódio mortal. São Paulo: Ódio Mortal Produções, 1989. Faixa 10. MP3.

Woodley, Daniel. Fascism and political theory: Critical perspectives on fascist ideology. New York: Routledge, 2010.

